



Pedem-me um estudo sobre os malditos da literatura brasileira. O pedido a princípio me assustou. É o que nos acontece frequentemente com os temas propostos: a idéia de que o tema não existe porque afinal de contas... não foi tratado pelos outros. E chegamos facilmente ao equivoco embalador de que somos os iniciadores. Não há isto. Vai aqui pelo menos sugestão de antologia, que, se ainda não foi feita, não constitui nenhuma tarefa de Hércules levá-la a cabo.

Seja como for, a primeira descoberta (e trágica) que fiz é que o maldito afinal de contas... sou eu. Quem é bendito? Dentro deste contexto, é preciso frisar bem o conceito deste vocábulo que passa a figurar quase como um neologismo. Bendito é o acomodado às estruturas vigentes, sociais, políticas, econômicas, religiosas. Bendito é o ortodoxo. O maldito, portanto, é o heterodoxo, o herético. Onde a minha heresia? Sou um capítulo da própria história social brasileira. Explicarei.

O próprio autor do trabalho se inclui entre os malditos ante a restrita interpretação da época

O meu primeiro livro de 1935 (confesso adorar as coincidências históricas: é o ano da "Intentona") chamava-se Alkamar, a minha amante. Alkamar, no caso tranqüilamente nome de mulher, mas em árabe o termo é masculino, o que não deixou de suscitar certo tipo de sarcasmo, na época, entre os mais informados de etimologia. Que sentido tinha para um poeta um pouco mais que adolescente proclamar ruidosamente *urbi et orbe*, já na capa do livro, que tinha amante? (na verdade não tinha cousíssima nenhuma. Quando começaram a aparecer deixei de fazer a demagogia respectiva). Eram